

A representatividade da mulher na literatura surda: adaptações literárias

The representation of women in deaf literature: literary adaptations

DOI:10.34117/bjdv7n4-010

Recebimento dos originais: 07/03/2021

Aceitação para publicação: 01/04/2021

Suelem Maquiné Rodrigues

Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Mestre em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
E-mail: suelem.maquine@ifce.edu.br

Táisa Aparecida Carvalho Sales

Professora Efetiva da Universidade Federal de Goiás – UFG – lotada na Faculdade de Letras e no Departamento de Letras: Libras e Tradução. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Área de Concentração: Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa: Literatura, memória, cultura e ensino na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.
E-mail: carvalhotaisa@yahoo.com.br

RESUMO

Esse trabalho possui como eixo principal a Lenda da Vitória-Régia, esta é uma das principais lendas do imaginário nacional, tendo a origem na cultura indígena da região amazônica. A obra escolhida para realizar a adaptação para Literatura Surda, ícone da Literatura Amazônica, é fruto da literatura oral e traz consigo traços de feminilidade e encanto. É uma personagem do imaginário popular que contribui para formação de uma construção do folclore amazônico, com forte identidade nacional. A adaptação será um instrumento de inclusão literária, possibilitando aos surdos que vivem nessa região, sentirem-se representados na sua cultura e literatura local. Sobre esse aspecto, a adaptação da lenda da Vitória-Régia realizar-se-á não como uma forma inferior à obra fonte, mas sim como ressignificação dos seus signos linguísticos para contribuir com uma minoria linguística que é o povo surdo. Sendo a adaptação uma maneira de democratizar a cultura e atingir objetivos singulares. Para construção dessa pesquisa, buscamos fundamentar-nos nos estudos de Literatura Comparada e adaptações, nos estudos da Literatura oral no Brasil de Luís da Câmara Cascudo (2006), nos estudos de Amazônia: mito e literatura de Marcos Frederico Krüger (2011), entre outros teóricos.

Palavras-chave: Adaptação literária, Literatura Surda, a mulher na literatura.

ABSTRACT

This work has as its main axis the legend of the Victoria Regia, one of the main legends of the national imaginary, having its origin in the indigenous culture of the Amazon region. The work chosen to make the adaptation for Deaf Literature, an icon of Amazonian literature, is a result of oral literature and brings with it traces of femininity and charm. It is a character from the popular imaginary that contributes to the construction

of Amazonian folklore, with a strong national identity. The adaptation will be an instrument of literary inclusion, enabling the deaf who live in this region to feel represented in their culture and local literature. On this aspect, the adaptation of the legend of Victoria Regia will be performed not as an inferior form to the source work, but as a re-signification of its linguistic signs to contribute to a linguistic minority that is the deaf people. Adaptation is a way to democratize culture and achieve unique goals. To build this research, we sought to base ourselves on the studies of Comparative Literature and adaptations, on the studies of Oral Literature in Brazil by Luís da Câmara Cascudo (2006), on the studies of Amazonia: myth and literature by Marcos Frederico Krüger (2011), among other theorists.

Keywords: Literary adaptation, Deaf Literature, women in literature.

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa possui como eixo principal a Lenda da Vitória-Régia, esta é uma das principais lendas do imaginário nacional, tendo a origem na cultura indígena da região amazônica. Contada de diversas formas, mas todas giram em torno da origem da planta amazônica. A vitória-régia (*Victoria amazonica*) é uma espécie de planta aquática. A planta é formada por uma grande folha circular, verde-escura. Possui uma exuberância ímpar, considerada um símbolo da Amazônia. A origem do nome está nas expedições do pesquisador inglês.

A vitória-régia ganhou esse nome do botânico inglês John Lindley, em homenagem à Rainha Vitória, do Reino Unido, no século XIX. A expedição à Amazônia de que ele participava levou sementes da planta para os jardins do palácio da rainha.

A vitória-régia também é conhecida como jaçanã, irupé, uapé, aguapé e nampé entre os índios e os caboclos da região amazônica. (ENCICLOPÉDIA ESCOLAR BRITANNICA, 2017)

As lendas regionais são um valioso mecanismo de introdução ao exercício da leitura, proporcionando aos leitores circular entre o real e o irreal, o subjetivo e o objetivo. Sendo a Literatura um valioso “passe” para viver outras vidas, encontrar personagens que representem dramas pessoais e paradoxos humanos. Também proporciona o desenvolvimento de novas maneiras de sentir, ver, escutar e a pensar por si mesmo. Contribuindo, em essência, com o imaginário. Held (1980) afirma:

A literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. (HELD, 1980, p.234)

A obra escolhida para realizar a adaptação para Literatura Surda, Lenda da Vitória-Régia, ícone da Literatura Amazônica, é fruto da literatura oral e traz consigo traços de feminilidade e encanto. É uma personagem do imaginário popular que contribui para formação de uma construção do folclore amazônico, com forte identidade nacional. A adaptação será um instrumento de inclusão literária, possibilitando aos surdos que vivem nessa região, sentirem-se representados na sua cultura e literatura local. Sobre a importância das lendas, Cascudo a coloca como elemento de extrema importância literária e cultural:

A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local. Explica um hábito ou uma romaria religiosa. Iguais em várias partes do mundo, semelhantes há dezenas de séculos, diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra. Sem que o documento histórico garanta veracidade, o povo ressucita o passado, indicando as passagens, mostrando, como referências indiscutíveis para verificação racionalista, os lugares onde o fato ocorreu. (CASCUDO, 2006, p.53)

Sobre esse aspecto, a adaptação da lenda da Vitória-Régia realizar-se-á não como uma forma inferior à obra fonte, mas sim como resignificação dos seus signos linguísticos para contribuir com uma minoria linguística que é o povo surdo. Sendo a adaptação uma maneira de democratizar a cultura e atingir objetivos singulares. Durante o caminhar desse trabalho, estiveram em curso pesquisas em torno da Literatura Surda, da história e representatividade da mulher, assim como suas origens e influências, em torno da obra fonte. Lançando como grande e principal desafio a representação da mulher surda dentro da obra adaptada.

Para construção dessa pesquisa, buscamos fundamentar-se nos estudos de Literatura Comparada e adaptações, nos estudos sobre Literatura Surda de Lodenir Karnoop (2010). Na Literatura oral no Brasil de Luís da Câmara Cascudo (2006), nos estudos de Amazônia: mito e literatura de Marcos Frederico Krüger (2011). Nas pesquisas em torno da história das mulheres e suas representatividades de Michelle Perrot (2007) em Minha História das Mulheres. Tomando como base também A educação de surdos de Suely Fernandes (2011) e a Aquisição de linguagem de Ronice Muller de Quadros (1997), entre outros teóricos.

A ESCOLHA DA OBRA FONTE

A vitória-régia (*Victoria amazonica*) é uma espécie de planta aquática. A planta é formada por uma grande folha circular, verde-escura. Possui uma exuberância ímpar, considerada um símbolo da Amazônia. A origem do nome está nas expedições do pesquisador inglês:

A vitória-régia ganhou esse nome do botânico inglês John Lindley, em homenagem à Rainha Vitória, do Reino Unido, no século XIX. A expedição à Amazônia de que ele participava levou sementes da planta para os jardins do palácio da rainha.

A vitória-régia também é conhecida como jaçanã, irupé, uapé, aguapé e nampé entre os índios e os caboclos da região amazônica. (ENCICLOPÉDIA ESCOLAR BRITANNICA, 2017)

Lendas advêm da literatura oral, sendo contada de diversas maneiras, mas permanecendo fiel a sua essência, geralmente relacionado ao regionalismo. Dentre suas principais características identitárias está o espaço geográfico no qual estão demarcadas. No caso da lenda em estudo, a região amazônica. Cascudo (2006) afirma “A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local”.

Em nossas pesquisas identificamos, pelo menos, duas versões principais que envolvem a lenda:

Primeira versão:

A vitória-régia tem origem no amor infeliz de um casal apaixonado. A índia Moroti, enamorada do guerreiro Pitá, queria uma prova de amor. Jogou, então, uma pulseira no rio para que o guerreiro pudesse recuperar sua joia. Pitá seguiu as ordens da amada, mergulhando nas águas. No entanto, não voltou à superfície. Desesperada e arrependida, a índia também se atirou nas águas profundas, desaparecendo de vez. No dia seguinte, surgiu no mesmo local uma enorme planta, com uma flor branca no centro. Era a Vitória-Régia. (ENCICLOPÉDIA ESCOLAR BRITANNICA, 2017)

A segunda, versão, esta escolhida como obra-fonte para realizar a adaptação:

...[u]ma cunhã (menina) apaixonou-se pela Lua e pelas estrelas. Fez várias tentativas de alcançá-las no céu, traçando até uma escada de cipó. Até que um dia, flutuando no rio, viu a imagem da Lua e das estrelas refletidas na água e imaginou que elas morassem nas profundezas. Nadou o mais fundo que pôde e desapareceu. Jaci, a Lua, com dó da menina, transformou a indiazinha na mais linda das plantas amazônicas: a Vitória-Régia. (ENCICLOPÉDIA ESCOLAR BRITANNICA, 2017)

Sobre a importância das lendas, Cascudo a coloca como elemento de extrema importância literária e cultural:

A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local. Explica um hábito ou uma romaria religiosa. Iguais em várias partes do mundo, semelhantes há dezenas de séculos, diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra. Sem que o documento histórico garanta veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mostrando, como referências indiscutíveis para verificação racionalista, os lugares onde o fato ocorreu. (CASCUDO, 2006, p.53)

Sobre esse aspecto, a adaptação da lenda da Vitória-Régia realizar-se-á não como uma forma inferior à obra fonte, mas sim como ressignificação dos seus signos linguísticos para contribuir com uma minoria linguística que é o povo surdo. Sendo a adaptação uma maneira de democratizar a cultura e atingir objetivos singulares. A Literatura sempre esteve associada à escrita, tal associação deve-se ao fato de uma valorização exacerbada e segregadora da escrita, numa sociedade que ainda estabelece uma linha, nada tênue, entre letrados e não-letrados. Desse modo a literatura oral vem ficando à margem, sendo por vezes caricaturada e desvalorizada. A literatura oral não é “menor”, nem deve ficar à margem, apenas percorre alguns caminhos diferentes nas escolhas estéticas, estilísticas, lexicais para a sua realização. Sendo parte essencial do nosso patrimônio cultural, pois está intimamente ligado às construções populares, sendo, na verdade, um bem construído coletivamente. Câmara Cascudo afirma:

A literatura oral é como se não existisse. Ao lado daquele mundo de clássicos, românticos, naturalistas, independentes, digladiando-se, discutindo, cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies, finalidades, vibração e movimento, continua, rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato. (CASCUDO, 2006, p. 25)

ADAPTAÇÃO LITERÁRIA PARA LITERATURA SURDA

A comunidade surda possui uma situação diferenciada das demais comunidades linguísticas por conta que nem sempre os surdos compartilham do mesmo espaço geográfico, estão espalhados por diversos lugares do mundo e na maioria do tempo estão inseridos em contextos que envolvem a realidade dos ouvintes. Esse contexto impulsiona a convivência em associações, escolas específicas para surdos, organizando-se de diversas maneiras para conquistar seus direitos. Mesmo com tantas dificuldades, o povo surdo vem galgando grandes vitórias nas últimas décadas. Sendo a oficialização da língua de sinais, uma das maiores conquistas desse povo.

Há de sempre se pensar no educando surdo como um ser bilíngue que vive em uma sociedade com ouvintes e surdos. Strobel contribui nesse sentido:

Muitos escritores e poetas surdos também registram suas expressões literárias em língua portuguesa como testemunhos compartilhados de suas identidades culturais e, assim, a cultura surda passou a ganhar espaço literário com lançamentos de livros e artigos com temas nunca antes imaginados. (STROBEL, 2008, p.57)

Diante das considerações realizadas sobre cultura e Literatura Surda, é importante compreender como se dá as principais realizações desta literatura. As principais maneiras de realização da literatura surda são: criação, tradução e adaptação. Esta última vamos tratar com mais atenção logo adiante.

As traduções são realizadas, geralmente, da língua portuguesa para a língua de sinais. Recorre-se a alguns clássicos da literatura existentes em línguas na modalidade escrita e faz-se a tradução para a língua de sinais para ser disponibilizado em mídias visuais. A Editora Arara-Azul é maior responsável por este trabalho no Brasil. Obras que já foram traduzidas para língua de sinais: *Alice no país das maravilhas* (2002), *Iracema* (2002), dentre outras obras disponíveis no site da referida editora. Sobre tradução, Stam (2006, p.27) faz uma importante colocação: “A metáfora da tradução, similarmente, sugere um esforço íntegro de transposição intersemiótica, com as inevitáveis perdas e ganhos típicos de qualquer tradução.”

As obras que são consideradas criação são textos originais, geralmente de autores surdos, que surgem como forma de relatar suas vivências e condição de ser surdo. Não existem muitas publicações do gênero, pois, infelizmente, os surdos ainda não possuem muitas experiências com textos literários. Cada vez mais essa questão deve ser abordada e combatida, pois é indispensável para o aprendizado satisfatório de toda criança e formação como cidadão, o contato com diversas literaturas. O livro *Casal feliz*, do autor surdo Cleber Couto, é um exemplo dessa literatura de criação.

Adaptação é realizar uma espécie de transposição de uma obra literária para outro contexto literário. Ao realizar essa transposição, os “pontos de vista” são alterados e dá-se o início a uma nova construção de sentidos para um texto pré-existente. Dessa maneira retoma-se o antigo para construção de novo, diversificando olhares perante a obra, trazendo novas linguagens a favor da literatura.

O imaginário ainda é uma das maiores características do ser humano. Fazer adaptações, também significa romper fronteiras de uma obra já existente construindo novos imaginários. Rompendo com diferenças sociais, temporais, que interrompem nossa noção conspiratória de contemporaneidade cultural.

Na adaptação para literatura surda, clássicos são retomados por autores que adaptam para a cultura surda trazendo valores e representações do povo surdo, promovendo um tipo de “releitura” desses textos. Como, por exemplo, nas obras *Rapunzel Surda* (2003) e *Patinho surdo* (2005). Essas adaptações lançam um novo olhar sobre diversas questões do povo surdo, propiciando uma nova postura a respeito de algumas características dessa minoria linguística. Oferecendo aos leitores uma nova maneira de pensar ou sentir a obra, reinventando vários elementos do texto.

A adaptação da referida lenda para Literatura Surda percorreu um caminho singular, surgindo da observação de uma lacuna nesse eixo temático observado pelas pesquisadoras. Assim, iniciou-se a busca de elementos de representação cultural do povo surdo para realização da adaptação, a fim de realizar um das maiores funções da literatura que é representar culturas, proporcionando visitar um mundo particular, cheio de novos significados. Destacando, dessa maneira, a importância de tentarmos fortalecer as representações sobre surdos e a surdez em instrumentos culturais tão valiosos como as lendas.

A ADAPTAÇÃO DA LENDA

A partir dos estudos etnográficos em torno da lenda da Vitória-Régia, cultura e Literatura Surda, realizou-se a adaptação da referida lenda para Literatura Surda.

Lenda da vitória-régia¹

Nunca antes, aquela terra tinha visto tamanha beleza. Guerreiros vinham de todas as tribos para contemplar a beleza da jovem índia, que tinha um espírito forte, chamava-se Naara.

Aquela que tem um espírito vivaz. Apesar de atrair guerreiros de outras tribos, nenhum a tomou como esposa, pois não aceitavam o fato da bela índia ser surda.

Naara era resguardada pelo grande pajé, pois nem todos aceitavam a sua condição de surda. A mãe a abandonara, por medo de ser perseguida por ter uma filha surda. O pajé era o único da tribo com quem Naara conseguia se comunicar, ao longo dos anos estabeleceram uma comunicação gestual.

Por medo de perseguições, a índia deixava para fazer seus passeios sempre durante a noite. Suas noites favoritas eram sempre as de lua cheia quando se deslumbrava com a beleza da lua.

Certa vez, o pajé percebeu que Naara estava diferente, mais quieta. Somente quando a noite caía, ela animava-se para ir passear na beira do rio. Então, em uma dessas noites, o pajé a seguiu até a beira do rio. Chegando lá, viu que Naara estava extasiada olhando para a lua.

O pajé chamou a jovem e disse que queria lhe contar uma história.

¹ Adaptação realizada por Suelem Maquiné Rodrigues. Texto extraído integralmente do livro “Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas”.

Com muita paciência e esforço, foi contando a história da lua que, na verdade, era um grande guerreiro chamado Jaci. O pajé perguntou:

- Vês aquelas estrelas? Vês Naara? Cada estrela daquela é uma moça que Jaci veio buscar aqui na terra para viver junto a ele. Jaci é um guerreiro vaidoso, por isso brilha tanto para conquistar o coração das moças mais belas.

O que o pajé não sabia era que Jaci já havia conquistado o coração da jovem índia surda.

Certa noite, Naara adormeceu na beira do grande Rio Negro. E foi numa mistura de sonho e magia que Jaci surgiu e falou com Naara por meio da Língua de Sinais. E, naquele instante,

Tupã, aquele que tudo pode, permitiu que os dois conversassem.

Mas Jaci era um galanteador, percorria toda a Terra em busca de moças belas.

Nunca mais Naara conseguiu encontrar Jaci.

A jovem índia obstinada em transforma-se em estrela e viver junto ao seu guerreiro, passava todas as noites a perseguir a lua. Fazia de tudo para atrair a atenção de Jaci: subia nas árvores mais altas da floresta, escalava os morros mais altos, rogava a Tupã que trouxesse novamente seu amado.

Mas nada adiantou. Naara já não comia e vivia em meio a tristeza.

Todos já a chamavam de sombra, pois ela só se movimentava na penumbra e no silêncio.

E por mais uma noite foi vagar pela beira do rio. Já cansada olhou para a água que refletia toda luminosidade e resplendor da lua. Naquele instante acreditou que Jaci viera buscá-la e jogou-se nas águas profundas acreditando ir ao encontro do ser amado.

Naara nunca mais foi vista. O pajé e todos os guerreiros a buscaram por luas e luas, mas não adiantou.

Jaci, que era um guerreiro vaidoso, sentiu falta da índia que vivia a contemplá-lo.

Compadecido com a devoção da índia, resolveu transformá-la em uma estrela diferente.

Seria a grande estrela das águas amazônicas: a vitória-régia.

A vitória-régia abre-se durante a noite para receber os raios de luar e, assim, viver sua história de amor.

MULHERES: ENTRE HISTÓRIA E REPRESENTATIVIDADES

E disse a adão: Porque deste ouvido à voz de uma mulher e comeste da árvore, de que eu tinha ordenado que não comesses, a terra será maldita por tua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias de tua vida (BÍBLIA. Gênesis, 3, 17). A Bíblia traz uma representatividade da mulher carregada de fraqueza, que se demonstra suscetível e, mas, também, influenciadora. Sendo responsável por levar ao homem às tentações e ao pecado. Há um longo histórico de misoginia à figura da mulher, que carregam simbolismos perpetuados até hoje. Durante a Idade Média, essa “imagem” da mulher foi fortalecida e amplamente divulgada pelos colonizadores cristãos. Tendo a mulher, a essência da Eva, carregava a essência maligna e padecia dos castigos divinos, que justificava todo o mal deferido contra o sexo feminino.

A figura da serpente sempre nutriu a estigmatização do feminino, que remete a uma natureza antropozoomórfica de natureza demoníaca, em diferentes épocas, o mito do Éden é reafirmado. Segundo Krämer e Sprenger (apud ARAÚJO, 1997, p.46):

Houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepiona a mente.

No Brasil do século XVI, as poucas mulheres brancas habitavam o litoral e viviam sob as rígidas regras do patriarcado ou de seus cônjuges. As mulheres índias eram chamadas de “negras da terra” e serviam, quando capturadas, às vontades de seus algozes. Já no século XVIII surgem no cenário das Minas Gerais, com advento da exploração do ouro e dos diamantes, surge uma nova “classe” de mulheres que tentavam a vida no comércio das ruas, designadas também de “negras do tabuleiro”. Sendo a prostituição, uma atividade também relacionada a essas mulheres. Com o crescimento da colônia mineira, algumas recebiam das câmaras municipais “cartas de exame” que a concediam o título de parteiras.

Eram raras as mulheres brancas na elite mineira, esse fato preocupava a coroa que temia miscigenação desordenada, que poderia comprometer a “ordem colonial” de pureza das raças. Para tanto, a pureza racial era usada como critério para cargos de prestígio social e político.

O século XIX é marcado por profundas transformações sociais e econômicas. No Brasil, há consolidação de aglomerados urbanos que firmam a classe social denominada burguesia. Dá-se uma reorganização na instituição familiar, na qual a mulher burguesa é responsável pelo simbolismo celestial da maternidade e da boa reputação familiar. É nesse período que a literatura romântica ganha espaço na vida da tão recente classe burguesa:

O período romântico da literatura brasileira, especialmente a literatura urbana, apresenta o amor como um estado da alma; [...] No romantismo são propostos sentimentos novos, em que a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. A escolha, porém é feito dentro do quadro de proibições da época, à distância e sem os beliscões. (D’INCAO, 1997, p. 234)

Refletir sobre a história e representatividades das mulheres é também um exercício de reflexão sobre a história da família, das crianças, das uniões, dos corpos, da sexualidade, como embarcar em um túnel que irá nos levar a uma viagem de sentimentos e percepções.

REPRESENTATIVIDADE DA MULHER: OLHARES NA LITERATURA SURDA

Em meados do século XVIII ainda pairava questionamentos se as mulheres eram racionais como os homens ou se possuíam alguma característica que as aproximavam dos animais irracionais. Somente no século XIX, as mulheres começam a frequentar escolas, ganhando o direito de frequentar universidades. A partir do século XX, há uma tomada de consciência de que as mulheres são possuidoras de uma história indispensável para toda a sociedade. Tais atrasos históricos refletem, certamente, em atrasos sociais que geram grandes desigualdades ao longo dos anos. Muitos problemas sociais como discriminação, machismo, exploração sexual, violência doméstica, dentre outros estão intimamente ligados a questões de gêneros.

Dentro desse contexto histórico, em um universo ainda mais isolado e discriminado estão as mulheres com necessidades especiais. Seu “lugar” de invisibilidade ainda é recorrente na vida moderna, mantendo-se confinadas em casa ou mesmo em instituições psiquiátricas, a invisibilidade e o silêncio dessas mulheres parece não incomodar muito à sociedade, situação lamentável e, muitas vezes, chocantes, porque são pouco vistas e também pouco se fala sobre elas. “As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas” (PERROT, 2007, p.17).

Há um estereótipo enraizado de que as pessoas com necessidades especiais não possuem papel social, logo não possuem identidade, muito menos história. Há uma lacuna gigantesca da sua representatividade em diferentes esferas sociais. Essas pessoas são imaginadas mediante estereótipos construídos ao longo dos tempos. Essa é uma situação histórica de todas as mulheres, como descreve Perrot:

Mas o silêncio mais profundo é o do relato. O relato da história constituído pelos historiadores gregos ou romanos diz respeito ao espaço público: guerras, os reinados, os homens “ilustres”, ou então os “homens públicos”. O mesmo ocorre com as crônicas medievais e as vidas de santos: fala-se mais de santos do que de santas. Além disso, os santos agem, evangelizam, viajam. As mulheres preservam sua virgindade e rezam. Ou alcançam a glória do martírio, que é uma honra suntuosa. (PERROT, 2007, p.18)

Inserir a representação da mulher surda na Literatura é um fazer prazeroso e essencial. Com essa Literatura, novas reflexões serão realizadas. A tematização da mulher sob essa abordagem gera novos discursos, provocando novas “verdades”. Como provoca Foucault:

[...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOCAULT, 2006, p.12)

Produzir novos estudos a partir de narrativas, enunciados sobre surdos, língua de sinais, Literatura Surda e cultura surda perpassa o campo da educação e contribui para a construção de novos espaços de aprendizagem e fortalecimento identitário para os surdos.

A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NA ADAPTAÇÃO PARA LITERATURA SURDA EM: A LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA

A motivação principal do nosso trabalho foi representar uma mulher surda na literatura e contribuir para realizar e entender essas representações por meio de adaptações literárias que podem problematizar questões, revelar realidades, apontar “feridas” e provocar questionamentos sobre in/exclusão, gerando novos discursos.

Podemos nos perguntar sobre a maneira pela qual as mulheres viam e viviam suas imagens, se as aceitavam ou as recusavam, se se aproveitavam delas ou as amaldiçoavam, se as subvertiam ou se eram submissas. Para elas, a imagem é, antes de mais nada, uma tirania, porque as põe em confronto com um ideal físico ou de indumentária ao qual devem se conformar. (PERROT, 2007, p.25)

Historicamente há um longo percurso de subtração das histórias e identidades das mulheres, perpetuado até hoje, como a subtração de seus sobrenomes, prática que ainda é adotada por algumas mulheres, apesar de não ser mais obrigatório como foi durante muitos séculos:

Pelo casamento, as mulheres perdiam seu sobrenome, o que ocorria na França, mas não somente aí. É bastante difícil, e mesmo impossível, reconstituir linhagens femininas. A pesquisa demográfica chamada TRA, iniciada por Jacques Dupâquier, que estabeleceu a genealogia das famílias cujo patronímico começa por 75a, para estudar os fenômenos de mobilidade social, desistiu de incluir as mulheres por conta disso. O "recuo" do casamento, a possibilidade de escolher seu patronímico, tanto quanto aquele que se lega aos filhos, provavelmente complicarão o trabalho futuro dos demógrafos e dos genealogistas. Essa revolução do nome é rica em sentidos. (PERROT, 2007, p.21)

A maioria dos registros realizados sobre as mulheres não estava preocupados em contar suas histórias, mas, sim, em perpetuar discursos sobre como elas deveriam ser:

Em compensação existe uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam. (PERROT, 2007, p.21)

A personagem principal da lenda adaptada rompe com estereótipo de heroína perfeita, revelando as dificuldades que enfrentaria por ser considerada diferente:

Nunca antes, aquela terra tinha visto tamanha beleza. Guerreiros vinham de todas as tribos para contemplar a beleza da jovem índia, que tinha um espírito forte, chamava-se Naara. Aquela que tem um espírito vivaz. Apesar de atrair guerreiros de outras tribos, nenhum a tomou como esposa, pois não aceitavam o fato da bela índia ser surda. (RODRIGUES, 2016, p.111-134)

Ainda hoje, o silêncio das mulheres é observado como atitude de sabedoria. A vontade da mulher, geralmente é subtraída, mas isso vai além de maneira muito perversa quando também tira das mulheres até o direito de externá-la. Entre as indígenas esse “estar” em silêncio ainda é muito forte. Então as mulheres buscam outras maneiras de fazerem valer as suas vontades e opiniões, à sombra de seus companheiros:

As mulheres têm formas próprias de se impor, de se fazer ouvir, de fazer valer a sua “autoridade” e de comandar revoluções silenciosas no interior das suas aldeias, sem que isso fique explícito. Entre os kaingáns, por exemplo, recordo que meu pai, cacique durante muito tempo, trazia os problemas da comunidade para minha mãe. Embora ninguém soubesse, muitas das decisões e das soluções que ele adotava eram ideias dela. (KAINGÁNG, 2016, p.411)

A atuação política das mulheres indígenas ainda é condicionada à permissão dos homens e ainda ocorre de maneira restrita. Kainkángk, líder política indígena, afirma:

Mesmo com toda a responsabilidade que têm dentro do grupo, só recentemente as mulheres indígenas passaram a atuar como militantes no movimento indígena. Atuação ainda restrita e muito complicada. Quando nós chegamos a ocupar espaços políticos e de representação é como se isso se desse porque contamos com a chancela dos homens – uma espécie de ‘ela está lá porque os homens permitiram’ -, pois os espaços de protagonismo são de exclusividade masculina. (KAINGÁNG, 2016, p.412)

Naara também vivia sob a guarda de uma figura masculina: “Naara era resguardada pelo grande pajé, pois nem todos aceitavam a sua condição de surda.” (RODRIGUES, 2016, p.111-134). Muitas culturas indígenas não aceitam crianças com deficiência, ocorrendo, ainda nos dias de hoje, a prática do infanticídio. Na lenda adaptada, a surdez da índia é motivo para que a mãe a abandone com medo de perseguições da tribo.

A nossa personagem Naara era condenada ao isolamento e ao silêncio por conta da sua surdez. “Por medo de perseguições, a índia deixava para fazer seus passeios sempre durante a noite. Suas noites favoritas eram sempre as de lua cheia quando se deslumbrava com a beleza da lua.” (RODRIGUES, 2017,p.111-134)

Não é só na cultura indígena que o silêncio é imposto às mulheres:

A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências. E isso se acentua mais porque, na cultura judaico-cristã, ela é constringida ao silêncio em público. Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar. Códigos bastante precisos regem suas aparições assim como as de tal ou qual parte de seu corpo. Os cabelos, por exemplo, condensam sua sedução. Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. "Seja bela e cale-se", é o que se lhe impõe, desde a noite dos tempos talvez. (PERROT, 2007, p.49-50)

Mesmo no silêncio e na obscuridade, Naara começa a viver um amor. A lenda relata a forma como a índia apaixonou-se pela lua:

Certa vez, o pajé percebeu que Naara estava diferente, mais quieta. Somente quando a noite caía, ela animava-se para ir passear na beira do rio. Então, em uma dessas noites, o pajé a seguiu até a beira do rio. Chegando lá, viu que Naara estava estasiada olhando para a lua. (RODRIGUES, 2016, p.111-134)

Na cultura lendária indígena brasileira a lua é um guerreiro chamado Jaci: “- Vês aquelas estrelas? Vês Naara? Cada estrela daquela é uma moça que Jaci veio buscar aqui na terra para viver junto a ele. Jaci é um guerreiro vaidoso, por isso brilha tanto para conquistar o coração das moças mais belas” (RODRIGUES, 2016, p.111-134). A adaptação da lenda nos traz um momento que relata o fantástico de maneira singular, a índia surda “ganha” a oportunidade de conversar em língua de sinais com seu amado:

Certa noite, Naara adormeceu na beira do grande Rio Negro. E foi numa mistura de sonho e magia que Jaci surgiu e falou com Naara por meio da Língua de Sinais. E, naquele instante, Tupã, aquele que tudo pode, permitiu que os dois conversassem.(RODRIGUES, 2016, p.111-134)

Após esse encontro com o seu amado, Naara é abandonada, caindo na tristeza e na solidão. Buscando incansavelmente seu amor, comportando-se como as heroínas românticas, comete um ato de desespero e entrega:

E por mais uma noite foi vagar pela beira do rio. Já cansada olhou para a água que refletia toda luminosidade e resplendor da lua. Naquele instante acreditou que Jaci viera buscá-la e jogou-se nas águas profundas acreditando ir ao encontro do ser amado. Naara nunca mais foi vista. O pajé e todos os

guerreiros a buscaram por luas e luas, mas não adiantou.(RODRIGUES, 2016, p.111-134)

O amor de Naara foi reconhecido de maneira mítica, quando é transformada em um dos maiores símbolos amazônicos:

Jaci, que era um guerreiro vaidoso, sentiu falta da índia que vivia a contemplá-lo. Compadecido com a devoção da índia, resolveu transformá-la em uma estrela diferente. Seria a grande estrela das águas amazônicas: a Vitória-régia.(RODRIGUES, 2016, p.111-134)

E, finalmente, o desfecho da narrativa ocorre para enaltecer a força e a beleza da Literatura oral amazônica e seu rico repertório lendário: “A vitória-régia abre-se durante a noite para receber os raios de luar e, assim, viver sua história de amor.”(RODRIGUES, 2016, p.111-134)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribuiu para proporcionar discussões a respeito de temáticas transdisciplinares e inovadoras que criam alternativas e novos caminhos na inclusão e representação de minorias, como, por exemplo, o povo surdo.

Ao adaptar para Literatura Surda um ícone das lendas brasileiras, a Vitória-Régia, promove-se a possibilidade de gerar múltiplos olhares sobre uma história já conhecida, mas que sempre possibilitará novas interpretações e realizações, essa é uma das maiores características da Literatura: ressignificar.

Quando uma literatura inclusiva circula, contribui para construção de posicionamentos que a sociedade deve aderir em relação a grupos minoritários. No caso da literatura surda, é importante sair do universo da comunidade surda e ganhar novos territórios, fazendo com que a sociedade tenha conhecimento, compreenda essa cultura e faça circular novos olhares acerca do tema.

Para que se perceba e se entenda que o surdo é um ser capaz de se expressar, ele não é um ser condenado ao silêncio. Ele possui uma língua própria, uma percepção diferenciada por ser um indivíduo visual e é capaz de representar-se e ser representado. Deve-se combater, tirar o silêncio desse patamar imposto ao universo dos surdos e encará-lo como ser possuidor de um discurso legítimo, como qualquer outra pessoa. Portanto, a Literatura Surda é um instrumento extremamente importante para representação e afirmação do povo surdo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In. PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 45-77.
- BÍBLIA. A.T. Gênesis. In. **Biblia Sagrada: O Antigo e Novo Testamento**. Tradução, introdução e notas: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. **O ensino de literatura**. Rio de Janeiro: A Noite, 1950.
- COUTINHO, F. Eduardo e CARVALHAL, F. Tania. **Literatura Comparada: Textos Fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In. PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 223-240.
- Enciclopédia Escolar Britannica. Vitória-régia. In: Enciclopédia Escolar Britannica. **Britannica Escola Online**. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/483642/vitoria-regia>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2017.
- FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2011.
- FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In. **Microfísica do poder**. 22.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p.277-293.
- HELD, J. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Summus editorial, 1980.
- KAINGÁNG, Azelene. Depoimento de uma militante. In. Pinsky e Pedro (org). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016, p.410-422.
- KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Florianópolis: Centro de comunicação e expressão- CCE-UFSC, 2010.
- KRÄMER, Heinrich; SPRENGER, Jakob. Malleus maleficarum (Obra publicada em 1486) apud ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 45-77.
- KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia: mito e literatura**. 3. ed. Manaus: Valer, 2011.
- MIANES, Felipe Leão; MÜLLER, Janete Inês; FURTADO, Rita Simone Silveira. Literatura surda: um olhar para as narrativas de si. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN; Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). **Cultura surda na**

contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN; Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Org.). **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações.** Canoas: ULBRA, 2011.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, Suelem Maquiné. **Lenda da Vitória-Régia.** In: TAÍSA APARECIDA CARVALHO SALES (Org.). *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas.* Manaus – AM: Dalmir Pacheco de Souza, 2016, p. 111-134.

SILVEIRA, Rosa; BONIN, Iara; SILVEIRA, Carolina. **A diferença em livros infantis recentes: representações de surdos e de surdez.** (Texto digitado). Trabalho apresentado no II Seminário Internacional sobre Exclusão, Inclusão e Diversidade na Educação. João Pessoa, março de 2011.

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade.** *Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, n. 51, p. 19-053, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19/9004>>. Acesso em: 30 janeiro 2017.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.